



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA VETERINÁRIA DO ESTADO DE SERGIPE**

**NOTA TÉCNICA Nº01/2019**

A presente nota técnica nº 01/2019, elaborada pela comissão de Saúde Pública do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de Sergipe (CRMV/SE) tem o objetivo de informar sobre a pesquisa com uma nova espécie de parasita que causa os mesmos sintomas da leishmaniose. Sendo assim, visa esclarecer sobre o andamento dos estudos.

**ASSUNTO:DOENÇA SEMELHANTE A LEISHMANIOSE É DESCOBERTA EM SERGIPE.**

Cientistas brasileiros identificaram uma nova espécie de parasita no nordeste do país, mais precisamente no estado de Sergipe. O protozoário causa os mesmos sintomas da leishmaniose — a diferença é que ele é imune a qualquer tratamento conhecido. A pesquisa foi publicada na última segunda-feira (30 de setembro, 2019) na revista científica *Emerging Infectious Diseases*.

O parasita apareceu primeiro em pacientes do Hospital Universitário de Sergipe, em Aracaju. Até agora, suspeita-se que ele seja responsável por pelo menos duas mortes e 150 casos de infecções graves.

Antes de falar sobre a variedade recém-descoberta, vale lembrar primeiro o que é a leishmaniose. A doença é causada por mais de 20 espécies diferentes de protozoários do gênero *Leishmania*. Ela pode provocar úlceras na pele e mucosas (leishmaniose cutânea), ou atingir órgãos internos, causando o aumento do baço, febre e anemia (leishmaniose visceral).

A nova doença apresenta os mesmos sintomas da leishmaniose visceral. Mas, apesar das semelhanças, a pesquisa revelou que o novo parasita **não** pertence ao gênero *Leishmania*. Ele está mais próximo geneticamente do *Crithidia fasciculata*, um outro tipo de protozoário que não é capaz de infectar mamíferos. Por causa do local onde deu às caras pela primeira vez, a espécie foi batizada com o nome *Cridia sergipensis*.

Apesar de ser uma descoberta recente, o primeiro caso registrado da doença ocorreu em 2011. Um homem de 64 anos foi internado no mesmo Hospital Universitário de Sergipe com um quadro clássico de leishmaniose visceral. Ele recebeu o tratamento adequado e parecia apresentar melhora, até voltar a passar mal quatro meses depois. De volta ao hospital, foi novamente medicado – mesmo assim, voltou a ter recaídas após oito meses.

O paciente faleceu logo em seguida. Para estudar o parasita responsável pelo óbito, os cientistas recolheram amostras do baço e da medula óssea da vítima, que continham células de defesa repletas de protozoários do tipo.

Os cientistas, então, sequenciaram o genoma do parasita e compararam com os protozoários causadores da leishmaniose. Além de descobrir que se tratava de uma espécie nova, o grupo percebeu que ela pode infectar tanto órgãos internos quanto a pele. Em testes realizados com camundongos, o *Cridia sergipensis* se mostrou, inclusive, mais agressivo à pele do que os protozoários causadores da leishmaniose.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA VETERINÁRIA DO ESTADO DE SERGIPE**

Próximos passos

Em entrevista à Agência FAPESP, a pesquisadora Sandra Maruyama que participou da identificação da nova espécie, disse que o sequenciamento do genoma do parasita pode permitir que se crie um teste clínico para diagnosticá-lo em pacientes.

Para além do diagnóstico, ainda é preciso desenvolver fármacos eficientes para matar o novo protozoário, já que ele não responde aos métodos conhecidos. Daqui para a frente, o foco da pesquisa será trabalhar em alternativas para o tratamento e entender como ele é transmitido a humanos.

Também é possível que o parasita atue em conjunto com os protozoários da leishmaniose, contribuindo para agravar o quadro. A hipótese explicaria uma disparidade evidente no estado do Sergipe: em 2016, a taxa de mortalidade por leishmaniose visceral foi de 15%, enquanto o esperado seria de apenas 6%.

Por Maria Clara Rossini

**Observação:**

**Para esclarecimentos aos médicos-veterinários do estado de Sergipe a comissão de Saúde Pública do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de Sergipe (CRMV/SE) entrou em contato com o pesquisador Dr. Roque Pacheco de Almeida, do programa de ciências da saúde da Universidade Federal de Sergipe (UFS) que está à frente da pesquisa com o novo parasita e este informou que ainda novos estudos são necessários para investigar o ciclo de vida desse novo parasita, no intuito de descobrir qual o inseto transmissor e qual reservatório está propiciando a transmissão para o humano, porém afirma que por enquanto não foi realizado nenhum estudo sobre o envolvimento do novo parasita com a espécie *Canis familiaris* (cão).**

Aracaju, 18 de outubro de 2019.

**COMISSÃO DE SAÚDE PÚBLICA DO CRMV-SE**

Méd. Vet. ROSEANE NUNES DE SANTANA CAMPOS

Méd. Vet. CRISTINE LEMOS RIBEIRO

Méd. Vet. MAX WEBER DE MENEZES CALASANS

Méd. Vet. GEYANNA DOLORES LOPES NUNES

Méd. Vet. NATÁLIA MARAMARQUE NESPOLO

Méd. Vet. ANA PAULA BARROS